

A DESCORTESIA NA IMPRENSA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX¹

Clemilton Lopes PINHEIRO²

Resumo: Neste trabalho, objetivamos analisar as estratégias linguísticas utilizadas para manifestar a descortesia em cartas de leitores na imprensa brasileira do século XIX. No discurso das cartas de leitores desse período afloram reivindicações de direitos, insatisfações individuais e coletivas de um Brasil recém-independente. Por isso, essas cartas apresentam uma série de atos que podem ser considerados como descorteses. A análise mostrou que as cartas se caracterizam por dois tipos principais de estratégias: exibição da auto-imagem positiva e exibição da imagem negativa do outro. Essas estratégias são atualizadas por um conjunto de recursos linguísticos, que, juntos, respondem pelo efeito de descortesia.

Palavras-chaves: Carta do leitor. Descortesia verbal. História do português.

Abstract: *The aim of this paper is to examine the linguistic strategies used to express the impoliteness in reader's letter in the Brazilian press of the nineteenth century. These letters present claims of rights and dissatisfactions, individuals and collectives, of a newly independent Brazil. Therefore, these letters present acts that may be considered impolite. The analysis showed that the letters are characterized by two main strategies: view of the self-image positive and view of the negative image of the other. These strategies are updated by a set of linguistic resources, which together account for the effect of impoliteness.*

Keywords: *History of Portuguese. Impoliteness. Reader's letter.*

¹ Este trabalho constitui uma parte da comunicação apresentada no 33º. Colloque d'Albi – Langages et Signification, Albi-França, julho/2012, cf. Pinheiro (2013).

² Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, RN, Brasil, clemiltonpinheiro@hotmail.com

Introdução

Quando os pesquisadores inauguraram os estudos da cortesia verbal focalizaram o princípio de que o objetivo maior das interações verbais é a harmonia. Mais tarde outros pesquisadores observaram que a descortesia não é apenas a falta de cortesia e propuseram perspectivas para estudar a descortesia fundamentadas na premissa de que existem interações verbais em que os interlocutores não buscam a harmonia, mas o desacordo.

Neste trabalho, partimos da informação de que as cartas de leitores dos jornais brasileiros veiculados no século XIX contêm reivindicações de direitos, insatisfações individuais e coletivas. “Com as cartas, pode-se *ouvir* as angústias e desejos do cidadão letrado do Brasil imperial e republicano em seu primeiro momento” (BARBOSA e LOPES, 2006, p.8). Disso, presumimos que essas cartas apresentam excessivas críticas, queixas, ofensas e uma série de outros atos que podem ser considerados descortesias. Presumimos também que elas podem constituir um espaço discursivo em que os interlocutores não buscam a harmonia.

O objetivo é, portanto, analisar as estratégias e os procedimentos linguísticos utilizados para manifestar a descortesia em cartas de leitores na imprensa brasileira do século XIX e observar se ocorre algum processo de mudança no emprego desses procedimentos. O corpus utilizado para a análise é constituído de cartas de leitores extraídas de jornais oitocentistas de cinco estados brasileiros (Bahia, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco e São Paulo), distribuídas por três períodos distintos do século XIX: fase 1 (1808-1840), fase 2 (1841-1870), fase 3 (1871-1900).

O trabalho se textualiza em dois momentos. Primeiramente, fazemos uma breve exposição das teorias fundadoras do estudo da cortesia e das propostas que, a partir delas, defendem uma teoria da descortesia. Em seguida, apresentamos e discutimos os resultados da análise das cartas.

Teorias fundadoras do estudo da cortesia verbal

Foram Lakoff (1973), Leech (1983) e Brow e Levinson (1987 [1978]) os autores que inauguraram, formalmente, os estudos sobre a cortesia verbal. Lakoff (1973) propõe um componente pragmático no funcionamento da língua. Para ele, a pragmática interage com a

sintaxe e a semântica e não pode ser considerada à parte. Considerando o comportamento comunicativo dentro da pragmática, o autor propõe duas regras básicas, designadas de Máximas da Competência Pragmática: a máxima da clareza e a da cortesia. Em uma releitura do filósofo Grice, ele ainda especifica a máxima da cortesia em três: a) Não imponha, b) Ofereça alternativas, e c) Seja amigável. Uma outra contribuição significativa de Lakoff (1973), embora polêmica, foi a questão da universalidade das máximas de cortesia. Talvez um dos grandes méritos do autor foi exatamente o de situar claramente a cortesia verbal como um fenômeno da Linguística Pragmática.

Leech (1983) também discute a cortesia na base das máximas, mas segundo uma perspectiva retórica. Para esse autor, o estudo da cortesia se situa no âmbito da Retórica Interpessoal, que ao lado da Retórica Textual, compõe as duas dimensões da Pragmática. Nesse raciocínio, Leech concebe a cortesia como um dos princípios pragmáticos, que, no nível da retórica interpessoal, os interlocutores observam quando formulam ou interpretam eficazmente os enunciados em um contexto comunicacional específico.

O trabalho de Brow e Levinson (1987) é considerado um dos mais elaborados e produtivos e tem influenciado muitos estudos sobre a cortesia verbal. Os autores consideram que o ser humano em sociedade é potencialmente agressivo. A cortesia serve, portanto, para evitar essa agressividade e tornar as relações mais harmoniosas. Nesse mesmo sentido, a conversação é entendida como uma atividade que envolve potencial ameaça à face dos interlocutores. A noção de face é ampliada a partir de Goffman. Para eles, a face diz respeito à imagem pública que cada um reclama para si, e apresenta duas dimensões complementares entre si: a face positiva e a face negativa.

A face positiva relaciona-se à necessidade que o indivíduo tem de ser aceito como membro de um grupo e poder compartilhar seus desejos. É, portanto, o desejo de que a auto-imagem seja aprovada e valorizada. A face negativa relaciona-se à necessidade que o indivíduo tem de não ser controlado, impedido em suas ações. É, portanto, o desejo de liberdade.

Os atos verbais e não verbais, na interação, tendem a causar ameaça, positiva ou negativa, tanto do locutor como do alocutário. Esses atos são os atos ameaçadores de face. Os recursos da cortesia servem, nesse sentido, para neutralizar, por evitação, atenuação ou reparação, o potencial risco que um ato ameaçador de face pode trazer para a interação.

Portanto, para Brow e Levinson (1987), a cortesia são as estratégias que têm como finalidade evitar os conflitos e estabelecer a harmonia nas interações.

A teoria de Brow e Levinson é retomada por Kerbrat-Oreccioni (1986), que, por um lado, mantém o seu essencial, e, por outro, introduz mudanças conceituais e estruturais, o que resultou em uma perspectiva de cortesia ainda mais coerente, operativa e universal.

Para Kerbrat-Oreccioni (1986), a função da cortesia é estabelecer o caráter harmonioso das relações sociais através da prescrição dos comportamentos que os interlocutores devem adotar na interação, tanto em relação ao outro como em relação a si mesmos. Nesse sentido, a teoria envolve mais que a problemática da organização do texto conversacional, e se estende às próprias relações que os interlocutores estabelecem em uma conversação. A autora, portanto, combina o sistema de cortesia em três eixos: a) eixo dos princípios que regem o comportamento do locutor em relação a si próprio e em relação ao seu alocutário, b) eixo dos princípios que relevam da cortesia positiva em oposição à negativa, e c) eixo dos princípios relativos às faces positiva e negativa. Há ainda cinco princípios gerais que se articulam e se cruzam a esses eixos de forma hierarquizada em função da sua importância e poder discriminatório. A autora também postula que o cumprimento dos princípios da cortesia se manifesta tanto a nível verbal como paraverbal e não verbal.

A descortesia nas teorias sobre cortesia

Os estudos da cortesia, sobretudo com os trabalhos de Brow e Levinson (1987) e Kerbrat-Oreccioni (1986) ganharam grande impulso e fundamentaram uma infinidade de trabalhos sobre o tema. Assim, contamos atualmente com um considerável número de estudos e investigações que objetivam mostrar quais são e como são utilizadas as estratégias linguísticas que cumprem as exigências do princípio da cortesia, tais como postulados por esses estudiosos. No entanto, segundo Peña (2011), houve uma tendência, nesses estudos, de não contemplar o fenômeno oposto, a descortesia, o que pode sugerir a falsa ideia de que a comunicação envolve apenas relações harmônicas. A autora assinala, portanto, que alguns autores formularam também suas teorias da descortesia, como parte da teoria da cortesia. Essas teorias sustentam que o caráter conflitivo da comunicação também tem seus fundamentos.

Peña cita Culpeper (1996) como um dos autores que tem exposto um construto teórico para o estudo da descortesia. O trabalho de Culpeper se caracteriza pela enumeração de estratégias de descortesias, que, embora semelhantes às estratégias de cortesia propostas por Brow e Levinson (1987), são, logicamente, opostas em sua orientação.

Lavandera (1988) é outra estudiosa que evita definir descortesia como uma simples violação das normas consideradas corteses. A autora considera a descortesia como uma noção complementar à força ilocucionária do ato de fala, e, como tal, tem caráter obrigatório. Nesse sentido, a descortesia deve ser concebida dentro de um *continuum* em que se integram a cortesia e a neutralidade.

Em síntese, o levantamento de algumas dezenas de trabalhos que Peña (2011) faz sobre a descortesia aponta para a necessidade de abandonar a visão dicotômica entre cortesia e descortesia. Tanto a cortesia como a descortesia são fenômenos relativos às relações entre os interlocutores em uma interação verbal. São dois fenômenos graduais e altamente dependentes do contexto. Isso significa dizer que não existe uma correspondência biunívoca entre os elementos linguísticos e os efeitos de cortesia ou descortesia, mas funções corteses ou descorteses assumidas por esses elementos em cada contexto ou situação de interação.

A descortesia não é a ausência da cortesia, assinalada pela ausência de um elemento linguístico considerado cortês. Não ser cortês não implica ser descortês. A descortesia se caracteriza, portanto, como uma estratégia que tem como objetivo afetar a imagem social do interlocutor.

A expressão linguística da descortesia em cartas de leitores

Procedimentos de análise

As cartas utilizadas na análise foram extraídas do *corpus* organizado por Barbosa e Lopes (2006), que reúne 278 cartas de leitores, extraídas de 114 jornais oitocentistas de 6 estados brasileiros: Bahia, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Esse *corpus* constitui uma amostra representativa de textos impressos do século XIX, agrupados em três períodos distintos: fase 1 (1808-1840), fase 2 (1841-1870) e fase 3 (1871-1900). Neste trabalho, analisamos 60 cartas desse *corpus*, distribuídas igualmente entre as fase

1 (início do século) e 3 (final do século) e entre os seis estados, ou seja, 05 cartas para cada fase e estado.

Segundo os organizadores do *corpus*, nas cartas de leitores oitocentistas, afloram “as reivindicações dos direitos, as insatisfações individuais e coletivas de um Brasil recém-independente” (BARBOSA e LOPES, 2006, p.8). Nesse sentido, supomos que elas apresentam críticas, queixas, ofensas e uma série de outros atos que podem ser considerados como descortesias. Identificamos, no conjunto de cartas que elegemos para a análise, as sequências indicativas de críticas, reclamações e desacordos, e verificamos as estratégias e os procedimentos linguísticos empregados pelo escrevente que produzem efeito de descortesia. Essas sequências foram analisadas ainda em relação ao local e o período de escrita das cartas com o objetivo de observar algum processo de mudança no emprego de procedimentos linguísticos empregados pelo escrevente que produzem efeito de descortesia.

Estratégias e procedimentos linguísticos

Nas sequências das cartas em que ocorrem as críticas, as reclamações e os desacordos, são empregadas, de forma mais recorrente, duas estratégias, e, atreladas a elas, emerge um conjunto de procedimentos linguísticos, que instauram a descortesia no discurso.

A primeira estratégia é a construção explícita da imagem negativa do outro. Essa construção da imagem negativa do outro ocorre, principalmente, na manifestação do desacordo em que o escrevente nega frontalmente uma afirmação supostamente dita pelo outro, colocando em dúvida seu conhecimento e a veracidade do que diz. Normalmente, no ato interacional de comunicação, quando o falante pretende apresentar um ponto de vista divergente, ele tenta atenuá-lo. No entanto, nas cartas de leitores, os locutores não empregam nenhum tipo de atenuador para expressar sua oposição. Da mesma forma, o escrevente não demonstra nenhuma preocupação em fazer reparos ou atenuação das críticas e das reclamações.

A construção explícita da imagem negativa do outro é realizada linguisticamente por meio de frases declarativas (afirmativas ou negativas), em que se explicitam, principalmente, os desacordos e as reclamações, por meio de adjetivos pejorativos, de expressões desqualificadoras e de xingamentos.

O trecho (01) traz um trecho de uma carta em que o escrevente contrapõe-se à opinião do seu destinatário (“assim pra- / ticam uma injustiça”, “Si esse escripto fosse de minha lavra teria / declarado pela imprensa”). O escrevente declara que o conhecimento do destinatário é falso. Isso resulta na construção da imagem negativa do destinatário e estabelece no discurso o efeito da descortesia. O trecho (02) exemplifica algo semelhante. O escrevente constrói uma imagem negativa do destinatário, desqualificando suas ações em fases declarativas negativas (Não He com escriptos revolucio- / narios, nem com as venenosas lições, / para a mais ruinosa anarchia que se promove a felicidade do Brasil).

Além da forma explícita (com frases declarativas) de expressão do desacordo, da reclamação e da crítica, que expõe a imagem negativa do destinatário e cria o efeito descortês e grosseiro no discurso, também colabora para a criação desse efeito a ausência de argumentos fundamentados e coerentes. No trecho (02), por exemplo, o escrevente discorda e critica a atitude do seu destinatário, mas toma como base apenas a sua opinião pessoal. Para não ficar com um argumento tão falasioso, ele tenta elevar sua opinião pessoal à categoria de opinião geral, recorrendo à expressão “ventura da Patria”.

(01)

[...] Dizem *suas senhorias* que o artigo de apresen- / tação pertence-me quando assim pra- / ticam uma injustiça, aliás muito honrosa / para commigo, pois sabem perfeitamente / que elle foi elaborado por meu velho pae. / Si esse escripto fosse de minha lavra teria / declarado pela imprensa, porquanto cos- / tumo seguir a principio de “dar a Cezar / o que é de Cezar e a Deus o que é de Deus”. // Creio ter scientificado (sic) o publico a Ra- / zão por que afastei-me da redacção da / *Satyra*, e, como não voltarei á impren- as, despresarei, com a altivez que me / caracteriza, todos os remoques que a sombra dos meus ex-collegas entender / lançar sobre mim. Bahia, 16 de junho de 1896 // [espaço] TERECIANO PIRES.

(Carta 59, Bahia, Fase 3)

(02)

Senhor Redator // Rogo-lhe o obsequio de fazer trans- / mitir por via do seu interessante jor- / nal a presente carta, aos Escrevinha- / dores dos papeis incediarios desta Cor- / te, no que muito me obrigará. // Não He com escriptos revolucio- / narios, nem com as venenosas lições, / para a mais ruinosa anarchia que se promove a felicidade do Brasil!.. / Não é, oh! Malvados escrevinhado- res, com o mortífero veneno da male- / dicência, (sempre em desabono da ver- / dade) que se faz a ventura da Patria, / digna de huma sorte mais feliz, que / essa que lhe quereis preparar, quaes filhos ingrato. (...)

(Carta 4, Bahia, Fase 1)

Os fragmentos de cartas (03) a (05) mostram exemplos de casos em que a imagem negativa do destinatário é construída a partir do emprego de adjetivos pejorativos (“suas reflexões e diatribes”, no fragmento 03; “depravada Luz”, “infame Voz”, em 05), expressões desqualificadoras (“cuja doutrina só pode ser acolhida entre esses bárbaros”, em 05) e xingamentos (“paraguayo malcreado”, em 04; “dous Judas”, “malditos demônios”, em 05). Ao serem usadas, nas sequências de desacordos, críticas e reclamações, essas construções desqualificam completamente o destinatário, caracterizando uma atividade discursiva explícita de descortesia e grosseria.

(03)

[...] não posso, / com tudo, escusar-me de lhe fazer / algumas advertencias, sem duvida NE / cessarias para dirigir melhor suas / reflexões e diatribes, quando tiver / vontade de falar do *Senhor Abelha*. [...]

(Carta 83, Minas Gerais, Fase 1)

(04)

[...] Olha, seu paraguayo malcreado: / pregar no deserto é perder sermão; / ensaboar cabeça de burro é gastar sabão. // Santos, 30 de agosto de 1899. // RAYMUNDO THEODOZIO GOMES.

(Carta 278, São Paulo, Fase 3)

(05)

[...] Por tanto, / pelo que tem dito a depravada Luz, / e pelo que acaba de dizer a infa- / me Voz, sejam imediatamente / processados esses dous Judas, es- / ses Trombetas da anarquia, cuja / doutrina só pode ser acolhida en- tre esses bárbaros, com quem se / familiarisãm, e a cuja estirpe per- / tencem – Fugiste partes Versae. - / Desapparecei malditos demônios! Vossos escriptos sejam reduzidos a / pó, e o vosso nome riscado da / ordem social. Ah! Senhor Tribu- / nal do Jury! Ah Senhor Promo- tor não sei, se me entendem... // A todos faço patente, Como / se deve tratar, a tão má gen- te... P.G.//

(Carta 5, Bahia, Fase 1)

A segunda estratégia mais empregada nas cartas que criam o efeito descortês é a construção explícita da imagem positiva do locutor. Ele ressalta as suas qualidades, e, em oposição, ressalta também os defeitos do seu destinatário, construindo sua imagem negativa.

Em uma análise de diálogos, Barros (2008) verificou que essa estratégia é mais frequente que a estratégia inversa, a de apresentar diretamente a imagem negativa do destinatário. Para a autora, “é mais fácil para o destinador se apresentar com uma imagem positiva do que construir claramente uma imagem negativa do destinatário” (2008, p.101). No entanto, na nossa análise, esse princípio não se aplica. Embora os escreventes recorram à segunda estratégia, é a primeira a mais utilizada no conjunto total das cartas.

Nas cartas, a imagem positiva do escrevente é obtida, basicamente, através da exposição, através de frases declarativas, das suas próprias virtudes e qualidades, como ocorre em (06).

(06)

[...] Cidadão pacífico, obediente a lei, cui- / dando só na manutenção de minha família, eu nunca / me envolvi em questões Políticas de natureza alguma, / e pouco conhecido era até quando fui eleito Capitão da / 6^a. Companhia do Batalhão Norte, deste Bairro, e que co- / mo tal unicamente entrei a ser conhecido. [...]

(Carta 162, Pernambuco, Fase 1)

Convém esclarecer que o efeito descortês dos procedimentos linguísticos empregados nas duas estratégias, tanto de exibição da imagem negativa do destinatário como da exibição da imagem positiva do escrevente, são contextuais, ou seja, definidos no próprio decurso da interação. A declaração “nunca me envolvi em questões políticas” pode, por exemplo, em um contexto servir à exibição da face positiva do locutor, como de fato ocorre em (06), mas, em outro contexto, a afirmação de que alguém nunca se envolveu em questões políticas pode servir para exibir sua face negativa.

Até aqui, mostramos que as cartas se caracterizam por mobilizarem duas principais estratégias: a exibição da auto-imagem positiva e da imagem negativa do outro. Essas estratégias são atualizadas por um conjunto de recursos linguísticos, que, juntos, respondem pelo efeito de descortesia e grosseria, em sequências de desacordo, crítica e reclamação.

No que diz respeito à hipótese de existência de mudança no fenômeno em questão a análise não revelou nenhum dado que aponta para a existência de mudança nem nas estratégias nem no conjunto de recursos linguísticos. A presença de descortesia não se distribui de forma uniforme, conforme o local e o período de tempo em que as cartas foram produzidas. As mesma estratégias e os mesmos recursos linguísticos ocorrem tanto nas cartas

escritas na Bahia no começo do século como nas escritas em São Paulo no final do século, por exemplo. Isso pode nos levar a crer que se trata de um parâmetro estável do gênero carta de leitor, no Brasil oitocentista.

Conclusão

Neste trabalho, objetivamos analisar a manifestação da descortesia em um conjunto de 60 cartas de leitores da imprensa brasileira do século XIX, extraídas do *corpus* organizado por Barbosa e Lopes (2006). Identificamos as sequências indicativas de críticas, reclamações e desacordos, e verificamos as estratégias e os procedimentos linguísticos empregados pelo escrevente que produzem efeito de descortesia.

A análise mostrou que as cartas se caracterizam por mobilizarem duas principais estratégias de exibição da imagem, negativa e positiva, do destinatário e do próprio escrevente, respectivamente. Essas estratégias são atualizadas por um conjunto de recursos linguísticos, que, juntos, respondem pelo efeito de descortesia, em sequências de desacordo, crítica e reclamação.

Essa conclusão está de acordo com o entendimento de que a interação verbal não necessariamente objetiva o entendimento e a manutenção da harmonia entre os interlocutores. Parece haver eventos interacionais, ou gêneros de texto, se quisermos evocar as modernas teorias do texto, em que a ameaça à imagem do outro não é atenuada, pelo contrário, enfatiza-se a descortesia. Com a análise dessas cartas, pelo viés da descortesia, esperamos ainda ter contribuído para a compreensão do vernáculo brasileiro nos jornais do século XIX.

Referências

BARBOSA, A.; LOPES, C. (Orgs.). **Críticas, Queixumes e Bajulações na Imprensa Brasileira do Século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2006.

BARROS, D. L. de. A provocação no diálogo: estudo da descortesia. In: PRETI, D. (Org.) **Cortesia Verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008, p.89-124.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness. Some Universals in Language Usage**. Cambridge: Cambridge University Press, (1987 [1978]).

CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. **Journal of Pragmatics**, 25, 1996, p.349-367.

KERBRAT-ORECCIONI, C. **L'Implicite**. Paris: Colin, 1986.

LAKOFF, R. The logic of politeness: or minding your p's and q's. **Proceedings of the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic**, 1973, p.345-356.

LAVANDERA, B. El lenguaje en su contexto sociocultural. In: NEWMAYER, F. (Ed.). **Panorama de la lingüística moderna**. Madrid: Visor, 1988, p.15-29.

LEECH, G. N. *Principles of Pragmatics*: London: Longman, 1983.

PEÑA, E. B. **Descortesía verbal y tertulia televisiva**. Análisis pragmalingüístico. Bern: Peter Lang AG, International Academic Publishers, 2011.

PINHEIRO, C. L. Impolitesse dans la presse brésilienne du XIXe siècle. In: MARRILLAU, P.; GAUTHIER, R. (Orgs.). **La Mauvaise Parole**. Toulouse: CALS/CPST, 2013, p.231-245.